



Licenciatura em Espanhol

Libras

Laralis Nunes de Sousa Oliveira

Gisele Oliveira da Silva

Libras, Cultura e Identidade

Aula 04



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
ALOIZIO MERCADANTE

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenadora do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

LIBRAS

Aula 04

Parâmetros das Línguas de Sinais

Professor Pesquisador/conteudista
LARALIS NUNES DE SOUSA OLIVEIRA
GISELE OLIVEIRA DA SILVA

Diretor da Produção de Material
Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
ROSEMARY PESSOA BORGES

Revisão Linguística
HILANETE PORPINO DE PAIVA

Coordenação de Design Gráfico
LEONARDO DOS SANTOS FEITOZA

Diagramação
GEÓRGIO NASCIMENTO

Imagens
VITOR HONÓRIO

048l Oliveira, Laralis Nunes de Sousa.

Libras / Laralis Nunes de Sousa Oliveira, Gisele Oliveira da Silva.

– Natal : IFRN, 2014.

5 v. : il. color.

ISBN 978-85-8333-056-1

1. Língua espanhola – Estudo e ensino. 2. Libras – Estudo e ensino. 3. Educação de surdos. 4. Língua de sinais. I. Silva, Gisele Oliveira da. II. Título.

CDU 811.134.2

Apresentação e Objetivos

Estimado discente,

Estamos quase chegando ao final de nossa jornada de estudos em torno da Educação dos Surdos. Como visto nas aulas anteriores, a surdez é bem mais que a privação sensorial e a Língua de Sinais, maravilhosamente encantadora!

Mais uma vez, bem-vindo à disciplina da terceira língua que envolve seu curso: Libras!

Este caderno apresenta uma particularidade, pois nele iremos falar brevemente sobre os aspectos culturais da Libras.

Assim, os objetivos desta aula são:

- Compreender a importância da Libras para a Comunidade Surda como marcador cultural;
- Relembrar e reforçar que a Libras é uma Língua dos pontos de vista social, cultural, histórico e estrutural, primordial, portanto, para a constituição da identidade do Sujeito Surdo.

Bons estudos!



Para Começar



Fig. 01 - Sinal Oi.

Vamos começar nossa disciplina com um trabalho de observação. Você conhece algum surdo? Tem conhecimento de algum lugar que serve como ponto de encontro da Comunidade Surda?

Caso conheça, ao longo dos estudos propostos neste caderno, procure visitar esses pontos e observar a comunicação utilizada entre eles, se os surdos estão utilizando a Língua de Sinais para se comunicar. Após essa observação, reflita sobre a importância da Libras como ferramenta de construção da identidade surda.



Assim é

LIBRAS ou Língua Brasileira de Sinais é a língua surdos brasileiros, assim como o Português é a língua da maior parte dos ouvintes nascidos no Brasil. A Libras pode ser usada na interação linguística a respeito de qualquer tema, como poético, político, informativo entre outros.

Em nosso país, há registros de uma outra Língua de Sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kapor na Floresta Amazônica.



As Línguas Orais têm como canal emissor da comunicação a voz, através da fala, e como canal receptor da comunicação os ouvidos, através da audição. As Línguas de Sinais têm como canal emissor da comunicação as mãos, através dos sinais, e como canal receptor da comunicação os olhos, através da visão. Por isso se diz que as Línguas Orais são de modalidade oral-auditiva e as Línguas de Sinais de modalidade viso-espacial.

Apesar da diferença de modalidade, do ponto de vista estrutural podemos encontrar nas Línguas de Sinais os aspectos fonéticos, fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos também encontrados nas Línguas Orais. Do ponto de vista social, histórico e cultural, as Línguas de Sinais também exercem para os surdos o mesmo papel que as Línguas Orais exercem para os ouvintes.

Diferentemente do que foi construído e pensado sobre as Línguas de Sinais ao longo dos anos, a Libras é uma língua e não simplesmente uma linguagem com mímicas e gestos de que seus falantes se utilizam para se comunicarem.

Os conceitos de língua e linguagem são tão numerosos quanto as perspectivas que podem ser adotadas pelos pesquisadores que se debruçam sobre o fenômeno linguístico. Por isso, trazer a estas páginas uma sentença única que traga os conceitos de língua e linguagem, fazendo distinção entre uma e outra, nos é simplesmente impossível! Apesar disso, podemos dizer que salta aos olhos nas distinções entre língua e linguagem o fato de a linguagem ser mais abrangente que a língua, incluindo em si qualquer sistema de comunicação existente, animal ou humano, musical ou computacional, artístico ou de tráfego...

A língua é tratada como uma linguagem, a mais refinada, detalhista, primorosa, precisa e preciosa forma de comunicação humana. Não é só sistema, mas também não é só cognição, tampouco só plasticidade, mas é tudo isso. É social e de suma importância para o desenvolvimento do ser humano enquanto indivíduo e sujeito em todos os sentidos. Daí a afirmação de Oliver Sacks:

[...] ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não fizermos isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro – sejam quais forem nossos desejos, esforços e capacidades inatas. E, de fato, podemos ser tão pouco capazes de realizar nossas capacidades intelectuais que pareceremos deficientes mentais (SACKS, 2010, p. 19).

Paiva (2009) afirma que as Línguas de Sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas, em resposta às mudanças culturais e tecnológicas. Assim, a cada necessidade surge um novo sinal desde que ele se torne aceito, sendo utilizado pela Comunidade Surda.

Embora cada Língua de Sinais tenha sua própria estrutura gramatical, os surdos de países com Línguas de Sinais diferentes comunicam-se com mais facilidade uns com os outros, fato que não ocorre entre falantes das Línguas Orais.

Língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo produto da faculdade da linguagem e um conjunto de conversações necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1995 apud QUADROS; KARNOPP, 2004).

Falcão (2010) nos afirma que isso ocorre devido à iconicidade presente nas Línguas de Sinais, pois alguns sinais representam iconicamente o referente do ponto de vista da aparência, do movimento, da forma ou da função. A exemplo disso, temos os sinais de Bicicleta, Tchau e Casa. Veja as imagens abaixo:



Fig. 02 - Sinal BICICLETA. Icônico em relação a movimento dos pedais da bicicleta.

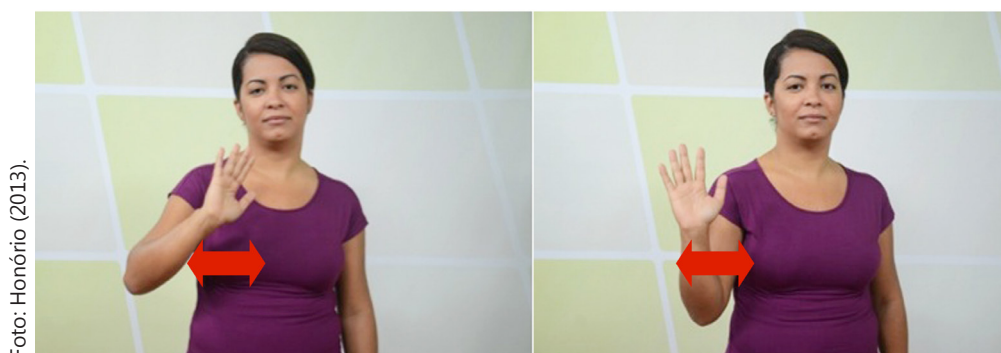


Fig. 03 - Sinal TCHAU. Icônico em relação à forma como as pessoas se despedem, acenando com a mão.

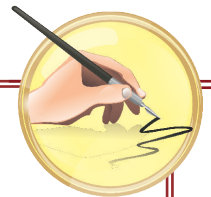
Foto: Honório (2013).



Fig. 04 - Sinal CASA. Icônico em relação à forma de um telhado de duas quedas.

Dessa forma, mesmo que esses sinais sejam distintos em diversos países, há muitas chances de existirem semelhanças entre eles porque os gestos ou formatos que representam têm semelhanças com a forma, a ação e/ou o significado do referente.

Mãos à obra



Na internet, há sites sobre línguas de sinais do mundo inteiro.

Os sites abaixo tratam de sinais de alguns países:

Brasil: Língua Brasileira de Sinais - Libras

<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Estados Unidos: American Sign Language (Língua de Sinais Americana):

<http://lifeprint.com/>

França: Langue des Signes Française - Língua de Sinais Francesa

<http://www.sematos.eu/lsf.html>

Catalunha: Llengua de Signaes Catalana - Língua de Sinais Catalã

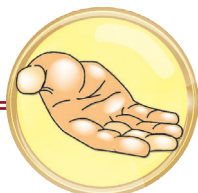
<http://www.sematos.eu/lsc.html>

Espanha: Lengua de Signos Española - Língua de Sinais Espanhola

<http://www.sematos.eu/lse.html>

Com o auxílio do Google Tradutor (<http://translate.google.com.br/>), faça uma pesquisa de sinais que, no Brasil, são considerados icônicos. Verifique se nas demais línguas de sinais eles são iguais, diferentes ou semelhantes ao sinal brasileiro. Abaixo, algumas sugestões de busca:

BEBÊ - TELEFONE - CARRO - BOLA - ÁRVORE - UVA - BANDEIRA



Assim é

Ao longo dos anos, as pesquisas interdisciplinares sobre Surdez e sobre a Língua de Sinais, realizadas no Brasil e em outros países, têm contribuído para a modificação gradual da visão sobre os surdos, compartilhada pela sociedade ouvinte em geral.

Pelo fato de integrarem um grupo linguístico-cultural distinto da maioria linguística do seu local de origem, muitas vezes são considerados “estrangeiros” em seu próprio país (STROBEL, PERLIN, 2008).

Devido às constantes modificações e progressos neste campo, nas concepções de ensino de Língua de Sinais, atualmente, tem-se dado ênfase ao mecanismo de aprendizado visual do surdo e a sua condição bilíngue-bicultural. O surdo é bilíngue no sentido de que convive diariamente com duas línguas: o português, seja em sua modalidade escrita ou oral, e a Libras; e ele é também bicultural porque desde o seu nascimento convive diariamente com seus familiares e amigos ouvintes.

Quando pensamos em cultura, raramente fazemos referência à pessoa surda. Nosso primeiro pensamento é a cultura que conhecemos a partir do referencial logofonocêntrico.

Logofonocentrismo: toma a fala como presença (o dentro, o inteligível, a essência, e a verdade) e a escrita como algo inferior e subordinada à fala - o fora, o sensível, a aparência, e o falso - (DERRIDA, 2004 apud MASSUTI, SANTOS, 2008).

Assim é



O discurso que ecoa é que surdos são pessoas deficientes, que precisam entrar na linha da normalização, precisam urgentemente ser iguais à maioria, precisam falar, ouvir, fazer parte de uma cultura dita padrão para, então, serem considerados incluídos na sociedade.

De acordo com Sá (2006), é validada, antropologicamente, a existência de uma Cultura Surda a partir da definição de "Cultura" como campo de forças subjetivas que dá sentido(s) ao grupo.

Sacks (1998) relata a existência de uma comunidade na ilha de Marthas Vineyard (Massachusetts, EUA) em que, por causa de uma mutação genética, um quarto da população era surda. Em virtude disso, os moradores aprenderam a Língua de Sinais, podendo, assim, ouvintes e surdos, comunicarem-se livremente. Os ouvintes que se tornaram bilíngues certamente não consideravam o fator deficiência como o mais predominante na vida dos surdos.

Quando nasce uma criança surda em uma família de ouvintes, o que corresponde a 95% dos casos, o sentimento que muitas vezes prevalece é o de total desapontamento, haja vista que a família, já acostumada com um "padrão de normalidade", desconhece o que a Comunidade Surda denomina de o "mundo dos surdos". Strobel (2008) explicita que o povo surdo acolhe esse novo membro, tendo-o como uma dádiva e agindo totalmente diferente da família ouvinte que, quando descobre a deficiência do filho, sofre sobremaneira.

De acordo com Dalcin (2005), percebe-se claramente este processo quando se observa o funcionamento da Comunidade Surda, pois o surdo, ao ingressar na comunidade, passa por um ritual chamado "batismo" que diz respeito à escolha de

um “sinal próprio” (op. cit., p. 33) que o nomeará, sendo essa a condição necessária para sua inserção enquanto membro do grupo. A escolha do sinal está pautada em características físicas e/ou expressivas, acessórios utilizados, entre outros. Esse sinal é único na comunidade, isto é, mesmo havendo nomes iguais, os sinais são diferentes. Desse modo, o surdo passa a fazer parte de uma comunidade de iguais marcados pela diferença, pela singularidade. A Comunidade Surda, então, possibilita uma identificação importante para a construção da Identidade Surda.

Sabemos que dentro do que se denomina Povo Surdo, o que importa não é o grau de perda auditiva, mas o uso comum da Língua de Sinais, pois a mesma configura-se como principal marcador identitário e cultural entre esses sujeitos.

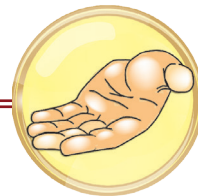
Strobel (2008) refere-se à Cultura Surda como sendo o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas, das almas das comunidades e hábitos do povo surdo.

(...) As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da Cultura Surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que tornam o corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (PERLIN, 2004, p.77-78).

Muitos estudiosos e participantes da Comunidade Surda acreditam que somente através da aquisição da Língua de Sinais, em qualquer período da vida, é que os sujeitos surdos podem construir sua identidade (PERLIN, 1998; MOURA, 2000). Segundo Santana e Bergamo (2005), a ideia que se defende é a de que a identidade surda está relacionada ao uso da língua. Portanto, “o uso ou não da Língua de Sinais seria aquilo que definiria basicamente a identidade do sujeito, identidade que só seria adquirida em contato com outro surdo”.

Em convivência com outros surdos, as possibilidades de interação e comunicação fluem rapidamente, fazendo com que os mesmos troquem experiências, informações, conversas, o que muitas vezes não se torna possível via língua oral, mesmo que o surdo faça uso da leitura labial. Bergana e Sampaio (2005) relatam que a aquisição de uma língua, e de todos os mecanismos afeitos a ela, faz com que se credite à Língua de Sinais a capacidade de ser a única capaz de oferecer uma identidade ao surdo.

De acordo com Marques (1998), o surdo apreende o mundo pela visão, e essa linguagem visual é para o sujeito surdo a sistematização e o fruto de seu desenvolvimento cognitivo e histórico, tornando-se um importante veículo à transição da reflexão sensorial e pensamento racional através do uso dos signos.



Libras: o que se pensa a seu respeito?

É verdade que no Brasil a Língua Brasileira de Sinais vem sendo cada vez mais conhecida e reconhecida pela sociedade. Entretanto, muitas dúvidas a respeito da Libras ainda pairam no ar. Atenta às perguntas mais frequentes entre leigos no assunto, Audrei Gesser, professora pesquisadora dos Estudos Surdos, escreveu um livro em que responde a alguns desses questionamentos.

Assim, trataremos de apresentar, a partir de agora, algumas das considerações da autora de forma sucinta.

Começaremos falando de um dos maiores mitos sobre as Línguas de Sinais: o de que elas são universais. Isso não é verdade. Essa ideia da universalidade está ancorada no pressuposto de que toda Língua de Sinais é um código simplificado aprendido e transmitido aos surdos de forma geral. É muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo.

Ora, sabemos que nas comunidades de Línguas Orais, cada país, por exemplo, tem suas próprias línguas. Embora se possa traçar um histórico das origens e apontar possíveis parentescos e semelhanças no nível estrutural das línguas humanas, sejam elas orais ou de sinais, alguns fatores favorecem a diversificação e a mudança da língua dentro de uma comunidade linguística, como por exemplo, a extensão e a descontinuidade territorial, além dos contatos com outras línguas.

Com a Língua de Sinais não é diferente: nos Estados Unidos, os surdos “falam” a Língua Americana de Sinais; na França, a Língua de Sinais Francesa; no Japão, a Língua de Sinais Japonesa; no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais, e assim por diante.

Vamos ver três diferentes formas para a realização do sinal MÃE:

Disponível em: <<http://mykidentity.com/wp-content/uploads/2010/01/mother-mom-post.png>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

mother/mom



Fig. 05 - Sinal MÃE em Língua de Sinais Americana.

Disponível em: <<http://www.istc.cn.r.it/mostralis/img/segni00.gif>>. Acesso em: 18 jul. 2013.



Fig. 06 - Sinal MÃE em Língua de Sinais Italiana.

Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-FXI5sDkqD1c/TmK_exxLPDI/AAAAAAAAAFek/IBc52oUO2xk/s1600/ME_1_%257EL.JPG>. Acesso em: 18 jul. 2013.



Fig. 07 - Sinal MÃE em Língua de Sinais Brasileira.

Em segundo lugar, Audrei Gesser explica que as Línguas de Sinais não são artificiais. A Língua de Sinais dos surdos é natural, pois evoluiu como parte de um grupo cultural do povo surdo. Consideram-se “artificiais” as línguas construídas e estabelecidas por um grupo de indivíduos com algum propósito específico. O Esperanto e o Gestuno são exemplos de línguas “artificiais”, cujo objetivo maior é estabelecer a comunicação internacional. Esse tipo de língua funciona como uma língua auxiliar ou franca. Ela é construída e planejada para esse fim.

ESPERANTO é a língua planejada mais falada no mundo. Ao contrário da maioria das outras línguas planejadas, o Esperanto saiu dos níveis de projeto (publicação de instruções) e semlíngua (uso em algumas poucas esferas da vida social).

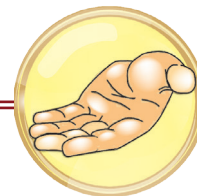
Seu iniciador, o médico judeu Ludwik Lejzer Zamenhof, publicou a versão inicial do idioma em 1887, com a intenção de criar uma língua de mais fácil aprendizagem, que servisse como língua franca internacional, para toda a população mundial (e não, como muitos supõem, para substituir todas as línguas existentes).

O Esperanto é empregado em viagens, correspondência, intercâmbio cultural, convenções, literatura, ensino de línguas, televisão e transmissões de rádio. Alguns sistemas estatais de educação oferecem cursos opcionais de Esperanto, e há evidências de que auxilia na aprendizagem dos demais idiomas.

GESTUNO Língua ou - Gestual Internacional, Língua Internacional de Sinais, no Brasil - é uma linguagem auxiliar internacional, muitas vezes usada pelos surdos em conferências internacionais, ou informalmente, quando viajam.

Muitos não o consideram como língua, já que não consideram que possui uma gramática. Utilizam-se seus sinais com a gramática de qualquer uma das Línguas de Sinais existentes.

Para saber mais sobre o Gestuno ou Língua de Sinais Internacionais, acesse <http://www.sematos.eu/isl.html>.



O próximo tópico a ser abordado com base em Gesser é o questionamento que se faz em torno da gramática das Línguas de Sinais. "Mas elas têm uma gramática?" Certamente! O reconhecimento linguístico tem marca nos estudos descritivos do linguista americano Willian Stokoe em 1960. No tocante às línguas orais, as investigações vêm acontecendo há muito mais tempo, já que em 1660, ou seja, trezentos anos antes, desenvolveu-se uma teoria de língua em que as estruturas e categorias gramaticais podiam ser associadas a padrões lógicos universais de pensamentos (CRYSTAL apud GESSER, 2009).

Como se pode ver, as Línguas de Sinais passaram a ser contempladas cientificamente apenas nos últimos quarenta anos, antes não eram reconhecidas como línguas verdadeiras.

Ao descrever os níveis fonológicos e morfológicos da Língua Americana de Sinais – ASL -, Stokoe apontou três parâmetros que constituem os sinais e nomeou-os como:

- Configuração de Mão (CM);
- Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L);
- Movimento (M).

Quando as pessoas perguntam se a Língua de Sinais é mímica, entende-se que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter ou não com a Língua de Sinais. Está associada a essa pergunta a ideia que muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. Não à toa, as nomeações pejorativas: anormal, deficiente, débil mental, mudo, surdo-mudo, mudinho que têm sido equivocadamente atribuídas a esses indivíduos.

Assim, relacionada às considerações acima, está a concepção de que é impossível tratar de temas abstratos em Língua de Sinais. A pressuposição de que não se conseguem expressar ideias ou conceitos abstratos está firmada na crença de que a Língua de Sinais é limitada, simplificada, e não passa de um código primitivo, mímica, pantomima e gesto. No dicionário de linguística e fonética, por exemplo, gestos são considerados traços paralinguísticos ou extralinguísticos das Línguas Orais. Devemos entender que sinais não são gestos. Tal como os falantes de Línguas Orais, os falantes de Língua de Sinais fazem uso desse recurso; mas a Libras está para além dele.

O pensamento de que as Línguas de Sinais não dão conta de conteúdos abstratos deve-se, em grande parte, pela equivocada noção de que elas são línguas exclusivamente icônicas. Há uma tendência em pensar assim, e essa visão relaciona-se com o fato de a Língua de Sinais ser uma língua de modalidade espaço visual, ou seja, a Língua de Sinais quando sinalizada, fica mais “palpável”, visível.

Nesse sentido, relações entre forma e significado parecem ser mais questionadas. Essa associação incorre, muitas vezes, no risco de reforçar a crença de que a Língua de Sinais seria apenas uma representação pantomímica. Embora exista um número elevado de sinais com grau icônico (bebê, árvore, casa, avião), ela não é uma língua que fala do mundo concreto, apenas.

A autora desfaz a ideia de que a Libras é apenas mímica. Para mostrar a diferença entre mímica e os sinais, pesquisadores como Klima e Bellugi, em 1997 (*apud* GESSER, 2009) já conduziam um estudo observando narrativas que necessitariam de pantomimas durante a contação da história. Tanto na contagem quanto na recontagem das histórias, os sinais apresentaram sistematicidade e estilização dos movimentos, tendo sido simplificados nos casos de recontagem. Com os gestos, a sistematicidade não se evidenciava, e a simplificação não acontecia, pois comprometia o sentido deles. Ao contrário dos gestos, as pessoas que falam Língua de Sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias ou conceitos abstratos. Tal como os falantes de língua orais, os falantes de Línguas de Sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos nessa língua, além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo.

É importante destacar que a iconicidade não é exclusiva das Línguas de Sinais. As Línguas Orais incorporam também essa característica. Podemos verificá-las no clássico exemplo das onomatopeias como piquenique, ziguezague, tique-taque, zum-zum, cujas formas buscam representar, de acordo com cada língua, o referente. Além disso, mesmo os sinais mais icônicos tendem a se diferenciar de uma Língua de Sinais para outra, o que nos remete ao fato de a língua ser um fenômeno convencional mantido por um acordo coletivo tácito entre os falantes de uma determinada comunidade.

Ao final do primeiro capítulo de seu livro, Audrei Gesser põe em xeque o pensamento de que a Língua de Sinais é um código secreto usado pelos surdos para não serem compreendidos pelos ouvintes. Na realidade, os surdos foram privados de se comunicarem em sua língua natural durante séculos. Vários estudos têm apontado a difícil relação dos surdos com a língua oral majoritária e com a sociedade ouvinte. Escolas, profissionais da saúde, e familiares de surdos têm seguido uma tradição de negação do uso dos sinais.

Nesse contexto de proibição, dentre algumas narrativas históricas, conta-se que a sinalização era vista como um código secreto, mesmo entre os surdos, pois era usada às escondidas, por causa de sua proibição. Hoje, contudo, já não é mais assim. No Brasil, por exemplo, a Libras é uma língua reconhecida e disseminada de norte a sul do país.

Por fim, Gesser traz o esclarecimento de que a Libras não se resume ao alfabeto manual. Isso porque, alfabeto manual é um recurso utilizado pelos falantes da Língua de Sinais para soletrar manualmente as palavras que não têm sinal. Não é uma língua específica e sim um código de representação das letras alfabéticas. Segue abaixo, o alfabeto manual utilizado no Brasil.

Disponível em: <<http://cleiasantoscastro.blogspot.com.br/2012/12/alfabeto-manual-libras.html>>. Acesso em: 18 jul. 2013.



Fig. 08 - Alfabeto Manual.

Disponível em: <<http://www.informe10.com/alfabeto-com-desenho-para-colorir/>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

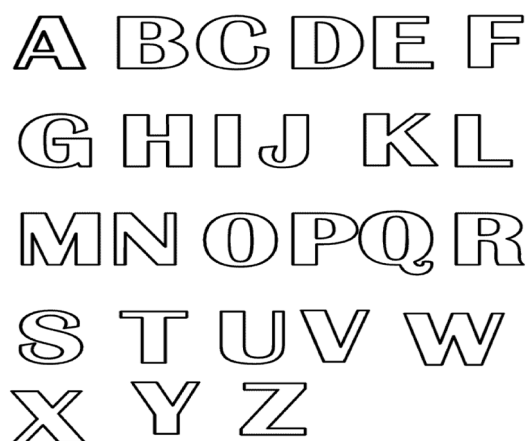
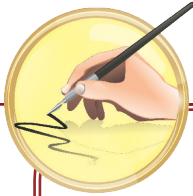


Fig. 09 - Alfabeto da Língua Portuguesa.

Acreditar que a Língua de Sinais é o alfabeto manual é fixar-se na ideia de que a Língua de Sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, convencionadas e representadas a partir da língua oral.

Pense quanto tempo levaríamos para conversar, caso cada palavra fosse dita através do alfabeto manual!



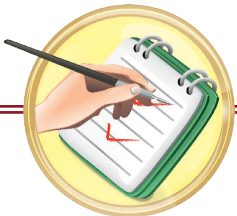
Mãos à obra

Você consegue identificar em você mesmo alguma influência sobre sua concepção a respeito dos surdos? E as pessoas com que você convive? Escreva os mitos mais recorrentes e explique, com suas palavras, por que estes não têm fundamentação para serem creditados.



Já sei!

Neste caderno, você pode ampliar seus saberes a respeito da importância da Libras na constituição da identidade e da cultura surda. Além disso, compreendeu e desfez mitos sobre a Língua Brasileira de Sinais.



Autoavaliação

Assista ao vídeo "Ser é Ver Sentir", cujo link segue abaixo:

<http://www.webtvjuazeiro.uneb.br/?p=1721>

Com base no vídeo, faça um levantamento dos principais artefatos culturais surdos, explicitando as características mais relevantes de cada um deles. Como sugestão, uma pesquisa complementar na internet pode ajudá-lo a compreender melhor de que consistem tais artefatos.



Referências

DALCIN, G. **Um Estranho no Ninho**: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0204.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

ESPERANTO. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esperanto>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESTUNO. Disponível em <<http://www.alfabetosurdo.com/ptsign/Gestunoorigins.asp>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

MARQUES, C. V. M. Visualidade e surdez: a revelação do pensamento plástico. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro: INES, n. 12, p. 38-46, dez. 1998.

MASSUTI, M. L.; SANTOS, S. A. Intérprete de Língua de Sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azulo: 2008, p. 148-167.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ, N. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e identidade surdas**: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. Disponível em: <http://www.sj.cefetsc.edu.br/~nepes/docs/midiатеca_artigos/cultura_identidades_surdas/cultura_identidade_surdas.pdf>. Acesso em: 24 set. 2011.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

Fonte das figuras

Fig. 01 - Sinal OI. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_F9UDS8XwlCY/SejbJ7Wm4KI/AAAAAAAAALw/2m64-N4OKH4/s400/oi.JPG>. Acesso em: 18 jul. 2013.

Fig. 02 - Sinal BICICLETA. Arquivo IFRN - Campus EaD. Fotógrafo Vitor Honório Fonseca Pereira.

Fig. 03 - Sinal TCHAU. Arquivo IFRN - Campus EaD. Fotógrafo Vitor Honório Fonseca Pereira.

Fig. 04 - Sinal CASA. Arquivo IFRN - Campus EaD. Fotógrafo Vitor Honório Fonseca Pereira.

Fig. 05 - Sinal MãE em Língua de Sinais Americana. Disponível em: <<http://mykidentity.com/wp-content/uploads/2010/01/mother-mom-post.png>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

Fig. 06 - Sinal MãE em Língua de Sinais Italiana. Disponível em: <<http://www.istc.cnr.it/mostralis/img/seg-ni00.gif>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

Fig. 07 - Sinal MãE em Língua de Sinais Brasileira. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-FXI5sDKqDTc/TmK_exLPDI/AAAAAAAAAFek/I3c52oUO2xk/s1600/ME_1_%257E1.JPG>. Acesso em: 18 jul. 2013.

Fig. 08 - Alfabeto Manual. Disponível em: <<http://cleiasantoscastro.blogspot.com.br/2012/12/alfabeto-manual-libras.html>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

Fig. 09 - Alfabeto da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.informe10.com/alfabeto-com-desenho-para-colorir/>>. Acesso em: 18 jul. 2013.